

EDUCAÇÃO FÍSICA INCLUSIVA: A PORTA DA ACESSIBILIDADE ESCOLAR

Gabriela Cristina da Cunha¹
Janine Lopes Carvalho²
janinelcarvalho@gmail.com

ÁREA DE CONHECIMENTO: Ciências da Saúde

RESUMO

A Educação Física como componente curricular obrigatório precisa de espaços e materiais adequados para a realização de suas atividades. Diante disso, o presente relato tem por objetivo expor uma prática de atividade adaptada desenvolvida com alunos do segundo ano do Ensino Médio pertencentes à Escola Estadual Professor Vicente Lopez Perez no município de Monte Carmelo, MG onde foram utilizados materiais alternativos para o desenvolvimento de duas atividades para uma aluna com deficiência. Ressaltou-se a necessidade de pensar a elaboração de jogos com materiais adaptados como recurso didático para a intervenção nas aulas inclusivas. Através da experiência constatamos que por um lado a falta de recursos físicos e materiais limita a prática do professor e faz com que ele precise adaptar seu planejamento e que por muitas vezes pode acontecer de privar seu aluno a vivenciar determinadas atividades, mas por outro lado desperta sua criatividade e faz com que ele enxergue possibilidades de adaptação para atender seus alunos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva; práticas pedagógicas; educação física adaptada.

1 INTRODUÇÃO

A inclusão não é apenas colocar uma criança com deficiência em uma sala de aula ou em uma escola, inclusão é a maneira de como lidamos com a diversidade, com a diferença. A Educação física inclusiva deve oferecer oportunidades para todos os alunos desenvolverem suas potencialidades de forma completa não sendo seletiva (BRASIL, 1998).

Entende-se a educação física inclusiva como uma concepção de ensino atual que objetiva garantir o direito de todos à educação. Ela pressupõe a igualdade de oportunidades e a valorização das diferenças humanas, levando em conta, assim, as

¹ Educador Físico, pós-graduado em Esportes e Atividades Físicas Inclusivas para Pessoas com Deficiência.

² Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Integrante do Núcleo de Pesquisa em Inclusão, Movimento e Ensino a Distância - NGIME/UFJF, coordenado pela professora Dr^a Eliana Lúcia Ferreira. Mestre em Psicologia, Graduada em Psicologia. Professora e Coordenadora do Curso de Psicologia da Faculdade Vértice – UNIVÉRTIX – Matipó.

diversidades étnicas, sociais, culturais, intelectuais, físicas, sensoriais e de gênero próprias dos seres humanos. Implica a reorganização das práticas e das políticas vigentes na escola e nos sistemas de ensino, de modo a garantir o acesso, a participação e a aprendizagem de todos, sem exceção (BRASIL, 1998).

A educação física escolar há um tempo era vista como excludente, pois, priorizava o mais forte, mais rápido e mais hábil. Sua prática era voltada para os movimentos esportivos. Com o passar dos anos o professor deixou de ser um treinador de habilidades e passou a ser um sujeito que promove a inclusão, valoriza as habilidades motoras e faz com que as aulas sejam para todos (BRASIL, 1997).

A inclusão dos alunos com deficiência nas aulas de educação física vem sendo uma realidade cada vez mais acentuada, os professores têm a responsabilidade de efetivar a participação de todos os alunos em suas atividades (SOLER, 2002).

Para Soler (2005) a tarefa do professor de Educação Física é de suma importância, pois deve conciliar os interesses do grupo com aqueles que apresentam alguma deficiência atendendo a individualidade de cada um. E cada dia mais a importância de se colocar a inclusão em prática, está ligada aos profissionais, afinal, educar para a diversidade é o principal objetivo da educação

Na escola, o professor recebe todos os tipos de alunos mesmo que a escola não possua nenhuma condição na questão de infraestrutura, materiais ou acessibilidade, e o professor não tenha a condições de oferecer um trabalho de forma apropriada, isso reflete sobre o aluno com deficiência e acontece a não participação das aulas de educação física, fortalecendo assim a exclusão (FERREIRA, 2010).

Nesse contexto, a pesquisa em tela teve objetivo geral desenvolver uma proposta de Educação Física inclusiva. Como objetivos específicos: conhecer o projeto político pedagógico da Escola Estadual “Professor Vicente Lopez Perez”; estabelecer uma proposta de atividades físicas inclusivas para a turma do 2º Ano do Ensino Médio; descrever as atividades propostas e os ajustes realizados para a inclusão; apontar as práticas inclusivas desenvolvidas com a turma; discutir os conceitos de acessibilidade e mapear a acessibilidade da escola.

Para este estudo foram utilizados como autores principais Reinaldo Soler (2005), Windzy Brazão Ferreira (2005) e Marcos José da Silveira Mazzota (2008).

O presente estudo servirá como reflexão para as possibilidades de adaptações nas aulas de Educação Física inclusiva, visando atender o aluno como um todo não colocando limites em sua aprendizagem.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

O professor de Educação Física tem papel importante no processo de inclusão da criança com deficiência na escola, diante disso, ele precisa ter conhecimento do perfil de seus alunos com deficiências, além de saber sobre o que o aluno gosta de fazer antes de deixá-lo de fora de alguma atividade, talvez até com a intenção de protegê-lo ou garantir sua segurança (FERREIRA, 2010).

Soler (2002) destaca que, para efetivar o processo de inclusão em uma escola, as primeiras pessoas a serem trabalhadas são os professores, e estes devem compreender amplamente o sentido da inclusão, ou seja, que quem se adapta é a escola ao aluno e não o aluno à escola. Sendo assim, a instituição de ensino e os professores deverão ter uma atitude investigativa para conhecer os alunos e que cria propostas de forma a disponibilizar um ambiente de aprendizagem que realmente inclua este aluno.

O educador físico deverá fazer as adequações necessárias nas regras, nas atividades, na utilização do espaço, em materiais para estimular tanto o aluno com deficiência como todo o grupo, criando possibilidades que favoreçam a sua formação integral (PIRES, 2006).

González (2002) afirma que, com a educação física inclusiva os educadores têm possibilidades de criar um ambiente favorável para a cooperação, motivar alunos, aceitar as diferenças e ainda fomentar a importância das atividades em equipe.

Ramos (2005) salienta que é indispensável uma efetiva preparação de profissionais de educação, que ofereçam um desenvolvimento contínuo aos alunos e que resulte em uma nova maneira de atuar com diferenças de todos da classe. Eles precisam ser conscientes não apenas das individualidades e potencialidades dos seus alunos, mas das condições para ensiná-los em um ambiente inclusivo, assim como da necessidade de refletirem constantemente sobre a sua prática, a fim de mudá-la sempre que necessário.

Segundo González (2002), não existe, uma receita a ser seguida sobre a inclusão. É importante que o professor seja orientado de maneira a ser capaz de

refletir de forma crítica e constante sobre sua prática com base em recursos teóricos e metodológicos, a fim de recriá-la constantemente.

De acordo com Pires (2006), o processo de inclusão exige do educador um campo de formação que lhe permita ter clareza das problemáticas com que se depara na escola. O objetivo principal da Educação Física é tentar obter no trabalho com pessoas com deficiência sua total reintegração no meio em que vivem, com autonomia, liberdade e criatividade.

Ao profissional de Educação Física, cabe não somente a responsabilidade de buscar a qualidade profissional e o ajustamento dentro dos contextos em que se atua, mas também se socializar com a família, a sociedade e a escola, mostrando-lhes a importância e a responsabilidade que cada um possui perante o processo de inclusão. O educador deve assumir um papel transformador para se construir uma atitude positiva voltada para as capacidades dos alunos (GORGATTI E COSTA, 2005).

Ferraz (2001) cita que a parte que mais impõe desafio no processo de inclusão é tornar claro para a equipe da escola que o aluno tem deficiência, diminuindo, portanto, as expectativas que eram colocadas sobre ele. Partindo deste pressuposto, a presença da criança com deficiência na sala de ensino regular não representaria dificuldade, mas, ao contrário, enriqueceria o ato pedagógico.

Assim, levando em consideração que a inclusão escolar de alunos com deficiência é uma demanda cada vez maior da sociedade e que deve ser priorizada, é necessário não só ampliar as discussões dos processos de produção de conhecimento na área, mas também oferecer subsídios para possibilitar a formação continuada do professor para um melhor atendimento dos alunos.

3 METODOLOGIA

Este estudo foi realizado através de uma pesquisa de caráter qualitativo. Segundo Minayo (2001), a pesquisa qualitativa faz parte de uma gama de significados, que corresponde a um espaço amplo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à instrumentalização. Os pesquisadores que utilizam o método qualitativo buscam o porquê de determinado assunto, esse método visa à construção da realidade se preocupando com o conhecimento do autor acerca do assunto.

A pesquisa foi desenvolvida na Escola Estadual “Professor Vicente Lopes Perez”. Essa instituição é na cidade de Monte Carmelo-MG, foi fundada em 1974 e atende cerca de 1.700 alunos nos três turnos de funcionamento. As séries oferecidas são os anos finais do ensino fundamental e ensino médio, além do projeto de educação integral. (Projeto político pedagógico, 2017.)

O turno matutino oferece apenas aulas do ensino médio, geralmente funcionam seis turmas de primeiro ano, seis de segundo e seis de terceiro. No turno vespertino acontecem as aulas do ensino fundamental anos finais com cinco turmas de sexto, sétimo, oitavo e nono ano. Já o turno noturno oferece aulas para o ensino médio.

A instituição possui um amplo espaço, com vinte salas de aula, duas salas de informática com computadores novos, uma biblioteca com amplo acervo de livros, um laboratório de ciências com equipamentos novos, sala de vídeo com data show, televisão a aparelho de dvd, sala de recurso com pequena quantidade de materiais, uma sala para direção, uma para vice direção, uma para supervisão e uma para orientação e cada sala dessas possui um computador com acesso a internet. A secretaria possui mesas, cadeiras, armários e computadores novos, a sala de professores possui armários, mesas e cadeiras que atende a necessidade de todos, além de quatro computadores com acesso a internet e impressora. Uma cantina com refeitório que possui mesas e bancos, uma sala para depósito de materiais de higiene, uma sala para armazenar alimentos, com: freezer, duas geladeiras e armários. Possuem também banheiros masculinos e femininos com banheiro adaptado e trocador de fraldas, chuveiros e barras de apoio. Na área de educação física, a escola possui uma área ampla com três quadras sendo uma delas coberta, e duas descobertas, um campo de futebol, quadra de peteca, vestiários e banheiros. Quanto a materiais esportivos a escola já recebeu verba em boa quantidade para aquisição, mas no ano de 2018 não recebeu devido aos cortes de verbas que o governo fez.

Participaram da pesquisa os alunos do segundo ano do ensino médio da Escola Estadual “Professor Vicente Lopes Perez”. A turma contém 37 alunos, onde 20 são do sexo feminino e 17 do sexo masculino e uma aluna possui paraplegia. São oferecidas duas aulas semanais de educação física, no período matutino todas as quartas-feiras e sextas-feiras sendo segundo e quarto horários, respectivamente, as aulas tem duração de cinquenta minutos cada.

A seleção das pessoas que fizeram parte da pesquisa foi pelo fato de a turma ter a aluna com deficiência e de haver o interesse de desenvolver uma prática que atendesse a turma como um todo.

A pesquisa aconteceu entre os meses de Maio e Junho de 2018. Participaram da pesquisa somente os alunos e a professora de Educação Física. Antes do desenvolvimento, o trabalho foi discutido com a supervisora e com a orientadora educacional do turno matutino no qual a aluna estuda.

4 CATEGORIAS EMERGENTES DA COLETA DE DADOS

4.1 A Narrativa de um trabalho realizado com uma aluna deficiente em uma disciplina de Educação Física

A aluna estuda no segundo ano do ensino médio na Escola Estadual Professor Vicente Lopez Perez, ela é aluna dessa instituição desde o ano de 2017. Por razões ainda desconhecidas por nós professores de Educação Física que trabalhamos com a aluna, ela possui um medo muito grande de bolas. Desde a sua chegada à escola ela se recusa a participar de qualquer atividade com bola e ainda não se sentiu confortável para explicar o motivo da recusa.

Hoje a aluna se encontra com dezessete anos de idade, e estudou maior parte de sua vida escolar em outra escola. No ano de 2017 precisou se transferir, pois na instituição anterior só é oferecido ensino fundamental. A menina não nasceu com paraplegia, esta foi adquirida após um acidente de bicicleta em uma fazenda onde a família morava quando ela estava com aproximadamente cinco anos de idade. A paraplegia é a única deficiência dela.

Inicialmente foi realizada uma conversa em particular com a aluna para falar das atividades, em seguida foi a conversa com a turma onde foram explicados os jogos que seriam desenvolvidos, no caso: boliche e bocha. As etapas de execução ficaram definidas que, primeiramente seriam repassadas as regras e posteriormente a parte prática. Na mesma aula falamos também sobre o objetivo que seria promover uma aula onde ela pudesse participar e se sentisse incluída de forma a ter as mesmas condições que os colegas. Após esse diálogo ela aceitou participar desde que as atividades fossem realizadas com bolas pequenas. Escolhemos o boliche e introduzimos também o jogo de bocha.

A segunda aula foi uma explicação para a turma como funcionariam as atividades, e como poderíamos adaptar o material para o desenvolvimento dos jogos de boliche e bocha. Buscamos aproximar ao máximo possível com o jogo tradicional, com a ajuda de todos escolhemos todos os equipamentos seriam utilizados.

A partir da terceira aula demos início à parte prática da atividade, foi preciso adaptar o espaço que realizaríamos a atividade. Colocamos na quadra as cadeiras que são utilizadas em sala de aula, para que todos realizassem os jogos sentados. As cadeiras da escola possuem praticamente a mesma altura da cadeira de rodas, não era possível adaptar de outra maneira. Como a escola não conta com muitos recursos e já havíamos escolhido anteriormente a utilização de material alternativo. Para o boliche utilizou-se garrafas pet com areia para servirem de pinos e bolas de meia com areia dentro para servirem como a bola.

Primeiramente fomos adaptar as regras do jogo de boliche para atender as necessidades da turma. O jogo tradicional consiste em arremessar uma bola pesada, com o objetivo de derrubar dez pinos em forma de garrafa. Quanto mais pinos forem derrubados, mais pontos o jogador acumula. Ganha quem tiver acumulado o maior número de pontos em uma partida.

As adaptações foram feitas juntamente com todos os alunos. Foram colocadas as seguintes regras: cada aluno poderia realizar três arremessos na tentativa de derrubar os pinos e iriam marcando seus pontos.

Foi iniciada a partida, no início alguns tiveram dificuldades em acertar os alvos, mas logo todos se entrosaram e já realizaram sem problema. Nessa aula a aluna com deficiência quis somente assistir como seria o jogo.

Na quarta aula fomos dar sequência à prática do boliche, a aluna foi então convidada para fazer sua participação, no início se mostrou tímida, mas não mostrou dificuldade em realizar, não houve insegurança somente timidez por parte dela. Essa atividade durou cerca de quarenta minutos e houve a participação de todos os alunos também.

Na quinta aula fizemos um *feedback* da prática do boliche, pontuamos as dificuldades e o que poderia ser feito para facilitar o jogo. Uma sugestão foi diminuir a distância de onde estava a cadeira e ir aumentando gradativamente, assim fizemos e mais uma vez houve a participação de todos os alunos presentes.

Na sexta aula iniciamos falando sobre as regras do jogo de bocha. Muitos alunos não conheciam o jogo e suas regras, assim, assistimos a vídeos,

esclarecemos dúvidas e mais uma vez elaboramos as regras para atender as necessidades dos alunos.

O jogo de bocha é um jogo e tem como objetivo lançar bochas (bolas) de madeira ou de resina sintética sobre uma cancha de terra batida, saibro ou sintética e posicioná-las o mais perto possível de um bolim, que é uma bola pequena, previamente lançado. O adversário, por sua vez, tentará situar as suas bolas mais perto ainda do bolim, ou empurrar as bolas dos seus oponentes para mais longe do bolim. Inicia-se a jogada, com o arremesso do bolim, no jogo individual cada jogador tem direito a quatro bolas para arremessar.

Já o jogo de bocha adaptado é similar ao bocha convencional, ou seja, o jogador tem como objetivo encostar o maior número de bolas na bola alvo e consiste em um conjunto de seis bolas azuis, seis bolas vermelhas e uma bola branca, que é o bolim.

Os jogadores podem usar suas mãos, pés e cabeças como auxiliares, e até mesmo um assistente no caso daqueles com grave comprometimento dos membros superiores e inferiores. As partidas são divididas em rounds, e seu número varia de acordo com os participantes na quadra. Jogos individuais têm quatro extremidades, e em cada uma delas fica o jogador e seis bolas.

Na sétima aula mais uma vez foi utilizado material alternativo por falta de recursos. Para funcionar como bolim utilizamos a bola de pebolim e bolas de borracha pequenas compradas em lojas de brinquedos, conforme sugerido pelos alunos. Essa atividade foi escolhida devido à facilidade em adaptar os materiais, existem várias possibilidades de adequar quando não se tem o material oficial do jogo.

Preparamos a cancha para realizar a partida, se trata do campo onde é realizada a partida. Foi escolhido um espaço plano com sete metros de comprimento e dois metros de largura. No primeiro metro fizemos um risco no chão para determinar o local de arremesso dos bochas. A três metros de distância fizemos mais uma marcação que serviria para determinar a distância mínima onde o bolim deverá ficar.

Ao desenvolver a prática, novamente a aluna com deficiência quis ver como era a atividade e só depois realizá-la. Como a turma era de grande fizemos jogos individuais onde cada aluno lançaria duas bolas uma em cada round. Foram escolhidos os alunos que desenvolveriam a primeira rodada do jogo.

Logo após a primeira rodada já tivemos a participação da aluna, ela não se mostrou insegura e nem teve dificuldades. Concluímos a atividade em cerca de quarenta minutos.

Foi uma atividade muito interessante, pois a turma não conhecia o jogo e todos puderam vivenciar a prática sem diferença, a aluna com deficiência participou da aula toda e em momento algum demonstrou desinteresse ou se sentiu excluída.

Na oitava aula, para finalizar a experiência fizemos uma roda de conversa para pontuar os prós e contras, os alunos falaram sobre suas dificuldades, sensações e relataram o que esperavam antes da atividade e o que realmente sentiram.

Fomos ouvir o relato da aluna com deficiência. Segundo ela foi uma prática única na qual não imaginava se sentir tão ativa na aula de educação física. Apesar da timidez que fez com que ela se sentisse incomodada, conseguiu realizar tudo sem dificuldade. Relatou também que já sentiu vontade de participar de alguma atividade, mas não se sentia bem e pela primeira vez ela teve oportunidade e o principal é que em momento algum se sentiu inferior, ela destacou também a parte da construção coletiva de regras que serviu para que facilitasse o desenvolvimento do que ela tinha mais dificuldade.

4.2 Entre o Empírico e o Teórico: a aproximação da narrativa com o a teoria da inclusão escolar

Durante o desenvolvimento da atividade foi observado que muitas vezes a falta de materiais para ministrar a aula faz com que os professores não coloquem em seus planejamentos determinadas atividades e muitas vezes essa falta de recurso faz com o que ele seja desinteressado ou descompromissado com sua prática pedagógica.

Farias Filho e Vago (2001) afirmam que, para que o profissional de Educação Física desenvolva sua prática pedagógica são necessárias condições de trabalho adequadas. A falta de local e materiais disponíveis para realização das atividades é um dos fatores que podem interferir modificar e até prejudicar a execução das atividades propostas.

Por outro lado, a falta de materiais pode estimular a criatividade do professor e alunos fazendo-os enxergar novas possibilidades de trabalho a partir de materiais alternativos.

Por várias vezes, profissionais alegam que não ter recursos materiais piora as condições para a preparação e aplicação de aulas proveitosas e conseqüentemente excluem atividades dos seus programas de ensino por esse motivo (SOLER, 2003).

Muitas vezes ao iniciar o trabalho o professor tem a expectativa de encontrar uma riqueza em recursos materiais, mas essa não é a realidade da escola pública. Ao utilizar o material alternativo o professor consegue oferecer aulas bastante diversificadas sem falar no baixo custo financeiro que esses materiais possuem.

Quando se trata de problemas em não ter espaços e materiais, os professores de Educação Física ficam desmotivados e reclamam da falta de estrutura, materiais e melhores condições de trabalho, sem falar na baixa remuneração (NASCIMENTO, 2011).

Seguindo essa linha de raciocínio, na Educação Física adaptada o professor pode e deve adaptar seus materiais para favorecer o aprendizado dos alunos. Ao planejar as atividades o professor precisa se atentar para que ninguém fique de fora, independentemente do nível de habilidade, já na Educação Física inclusiva todos os alunos participam das mesmas atividades que são propostas à turma.

Tanto a prática da Educação Física adaptada quanto à da Educação Física inclusiva demanda um ambiente acessível com iguais oportunidades e que desenvolva novas habilidades e valorizem as habilidades individuais, nesse caso o professor precisa planejar suas aulas de acordo com as especificidades da turma (RODRIGUES, 2006).

A educação física adaptada visa o desenvolvimento afetivo, cognitivo e psicomotor dos alunos com deficiência enquanto a Educação Física inclusiva visa o desenvolvimento não só dos alunos com deficiência, mas de todos os alunos.

Praticar a inclusão nas aulas de educação física valoriza o aluno com deficiência, desenvolve a criatividade, estimula as relações interpessoais e cria um ambiente de participação em que as aulas realmente são para todos (FARIAS, 2017).

Aplicar a Educação Física inclusiva não é simples. Não significa simplesmente ajustar expressões corporais nem um retardamento da exatidão das exigências técnicas para o desenvolvimento da atividade.

Portanto, Educação Física inclusiva tem sugerido outro significado de corpo. Mantém em suas atividades, a busca do individual, visando uma Educação Física mais coletiva. Nesse ponto de vista, o corpo deixa de ter uma assimilação mais evidenciada em sua dimensão biológica e começa a valorizar as possibilidades de movimento e o convívio social. (FERREIRA, 2013).

Para tornar a inclusão algo efetivo, é necessária uma transformação na escola. É preciso abandonar modelos e práticas que discriminam qualquer aluno e anular a tentação de se apropriar de soluções que não serão resolvidas, não se trata de adequar, mas de transformar a realidade das práticas educacionais em função de um valor universal que é o desenvolvimento humano (OLIVEIRA, 2003).

A inclusão escolar é justamente garantir o acesso e a permanência do aluno na escola, seguida do desenvolvimento escolar de todos os alunos, em um espaço de relações educacionais que valorize a diversidade. (MENDES, 2001).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Para o desenvolvimento desse trabalho, baseou-se nos princípios da inclusão considerando que todos os alunos devem ter as mesmas oportunidades de aprendizagem. O relato trouxe a experiência positiva de que nas aulas práticas realizadas entre a turma, os alunos tiveram oportunidades de aprendizado, participando ativamente do processo de construção de conhecimento estabelecido através do objetivo da aula.

Notou-se que os alunos se propuseram a participar com entusiasmo e interesse e encontraram nas aulas um momento de inclusão e socialização e independente de limitações perceberam que o aprendizado se torna de forma coletiva e isso foi observado desde a construção das regras até a finalização da aula. Portanto conclui-se que é importante refletir sobre as práticas que envolvam a participação de todos, pois o aluno com deficiência não quer ser tratado como diferente dos outros, ele quer as mesmas oportunidades e condições como qualquer um.

Os benefícios da inclusão ficam evidentes e as mudanças são necessárias, é preciso construir coletivamente novos caminhos para que ela se consolide nada adianta ter a educação inclusiva garantida em legislação e não ter mudança no sistema de ensino.

Diante disso concluímos que, não só na Educação Física, mas em todas as disciplinas, a adaptação de materiais é necessária para oferecer uma melhoria no atendimento e promover processos de aprendizagem em igualdade de condições. Na educação inclusiva não é diferente, a falta de materiais tradicionais muitas vezes faz com que o professor não trabalhe determinadas atividades, mas, por outro lado desperta a possibilidade de criação de novas atividades voltadas para as práticas corporais na Educação Física.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. **Ministério da Justiça. Secretária Nacional dos Direitos Humanos. Declaração de Salamanca, e linha de ação sobre necessidades educativas especiais.** 2. ed., Brasília: CORDE, 1997.

BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei número 9394,** 20 de dezembro de 1996.

BRASIL: Parâmetros Curriculares Nacionais/ Secretaria de Educação fundamental. Brasília: MEC SEF, 1998.

CARVALHO, Rosita Edler. **Educação inclusiva: Com os Pingos nos “is”.** Porto Alegre: Mediação, 2004.

Declaração de Salamanca – UNESCO - em 1994 Unesco (2005). **Orientações para a inclusão. Garantindo o acesso à educação para todos** (tradução portuguesa). Paris, Unesco.

FARIA FILHO Luciano Mendes; VAGO, Tarcísio Mauro. (2001). **Entre relógios e tradições: elementos para uma história dos tempos escolares em Minas Gerais.** In: VIDAL, Diana Gonçalves; HILSDORF, Maria Lucia (Orgs.) Tópicos em história da educação. São Paulo: Edusp, p. 117-136.

FERREIRA, Windy Brazão. **Educação Inclusiva: Será que sou a favor ou contra uma escola de qualidade para todos?** Revista da Educação Especial - Out/2005, Nº 40.

FONSECA, Vitor. (1995). **Introdução às dificuldades de aprendizagem.** Porto Alegre: Artes Médicas.

GOMES, Thamyres Sousa. **Educação física como forma de inclusão de pessoas com necessidades educacionais especiais.** 2013. 16f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação). Curso de Educação Física, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2013.

GONZÁLEZ, José Antônio Torres. **Educação e diversidade – bases didáticas e organizativas.** Porto Alegre: ARTMED, 2002.

MANTOAN, Maria. (2003). **O direito de ser, sendo diferente, na escola.** In D. Rodrigues (Org.), **Inclusão e Educação – Doze olhares sobre a educação inclusiva.** (pp. 183- 210). São Paulo: Summus Editorial. (p.299-318).

MAZZOTA, Marcos José Silveira. **Educação especial no Brasil: história e políticas públicas.** 5. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

MAZZOTTA, Marcos José Silveira. **Reflexões sobre inclusão com responsabilidade.** Revista @mbienteeducação, São Paulo, v. 1, n. 2, p. 165-168, 2008.

MELHEM, Alfredo. **A Prática da Educação Física na Escola.** Rio de Janeiro: Sprint, 2009.

NASCIMENTO, Ian Anderson Andrade. **A precarização do trabalho docente em Educação Física no estado do Rio de Janeiro.** In: **ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO. MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA**, 5., 2011, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2011.

OLIVEIRA, Eloiza Silva Gomes e GLAT, Rosana. **Educação Inclusiva: ensino fundamental para os portadores de necessidades especiais.** In: VALLE, Bertha de Borja Reis; NOBRE, Domingos; ANDRADE, Eliane Ribeiro; OLIVEIRA, Eloíza Gomes; BONFIM, Maria Ines do Rego. FARAH NETO, Miguel; GLAT, Rosana. (Orgs): **Fundamentos teóricos e metodológicos do ensino fundamental.** Curitiba: IESDE, 2003.

PIRES, E. C. P. (2005). **A participação da família no processo educativo da pessoa com deficiência visual.** Dissertação de Mestrado, Universidade Católica do Salvador, Salvador, BA, Brasil.

RODRIGUES, David. **Atividade motora adaptada: a alegria do corpo –** São Paulo: Artes Médicas, 2006.

RODRIGUES, Heitor Andrade; DARIDO, Suraya Cristina. (2008). **As três dimensões dos conteúdos na prática pedagógica de uma professora de Educação Física com mestrado: um estudo de caso.** Revista da Educação Física, v. v.19, p. 51-64, 2008.

SASSAKI, Romeu Kazumi. **Inclusão: construindo uma sociedade para todos.** Rio de Janeiro: WVA, 1999.

SOLER, Reinaldo. **Brincando e Aprendendo na Educação Física Especial.** Rio de Janeiro: Sprint, 2002.

SOLER, Reinaldo. **Educação Física Inclusiva na Escola: Em Busca de Uma Escola Plural.** Rio de Janeiro: Sprint, 2005. 256 p.

FERREIRA, Eliana Lima; CATALDI, Carolina Lessa. **Implantação e Implementação da Educação Física Inclusiva.** Revista Educação Especial (UFSM), 2013.